

em Roma, o que foi confirmado quando chegaram as notícias.

Atribui-se-lhe o poder de tirar fogo do éter. Trata-se, visivelmente, de um fenômeno análogo ao "fogo secreto" dos alquimistas e àquilo que os judeus chamavam de a "Glória do Senhor" (ver o capítulo precedente). Ainda sabemos pouco a este respeito. Em termos modernos, parece se tratar de um fenômeno intermediário entre a energia química e a energia nuclear. A hipótese é necessariamente vaga, por falta de provas. Recusou-se a entrar num navio declarando que o mesmo afundaria, o que na verdade aconteceu. Acusado de feitiçaria, tornou-se invisível diante do tribunal e em seguida saiu do Palácio de Justiça.

Ele próprio considerava todos esses fenômenos como inteiramente secundários e naturais. Também afirmava que os vulcões e as marés são fenômenos perfeitamente naturais, que o homem explicaria. Passava a maior parte do seu tempo ensinando e respondendo a perguntas.

Fisicamente, parecia-se muito mais com um indiano do que com um grego. Existem dois retratos dele e um busto. Existem medalhas também. Todas estas reproduções mostram-no com uma longa barba e cabelos compridos.

Seus discípulos também tinham um ar hippie, para empregar um termo moderno.

Não sabemos muito bem de que vivia, pois recusava os presentes. Fazia alusão, constantemente, ao "conhecimento proveniente dos deuses" e à "energia demoníaca". Para ele os deuses e os demônios eram seres perfeitamente reais, embora não fossem humanos. Segundo ele, os homens possuíam todos os poderes dos deuses e dos demônios, mas, geralmente, não sabiam utilizá-los. Escreveu muitas cartas, a maioria em có-

digo, sendo que algumas delas ainda existem. Noventa e cinco delas são citadas na maior parte das edições a respeito de Apolonio. Uma é muito interessante; é a carta 17 da qual transcrevemos um trecho: "Os persas denominam aqueles que possuem a faculdade divina de Mágicos. Um Mágico, por conseguinte, é aquele que é representante dos deuses ou que possui em si mesmo a faculdade divina". Também escreveu alguns livros, dos quais só chegaram até nós alguns fragmentos. Entre estes, havia: *O Livro dos Sacrifícios*, que aconselhava não oferecer sacrifícios aos deuses, pois o único sacrifício digno dos deuses é o uso da razão (compreendemos que Apolonio tenha agradado a Voltaire); *O Livro da Profecia*, em quatro volumes, baseado naquilo que Apolonio aprendera nas Índias. Os contemporâneos de Apolonio escreveram que ele nada tinha a ver com a astrologia. Infelizmente, nenhum dos quatro volumes chegou até nossos dias. Cita-se também uma vida de Pitágoras, um testamento filosófico e um hino à memória.

Temos que reconhecer que tudo isto não justifica, de maneira alguma, a reputação fantástica do personagem. Se ele sobreviveu, foi por ter sido constantemente um fazedor de milagres.

É como fazedor de milagres que o único biógrafo que chegou até nós, Flavius Philostratus (175 a 245 da era Cristã) no-lo apresenta. Esta biografia foi bastante criticada e o autor foi considerado muito mais um romancista do que um biógrafo no seu sentido comum. Infelizmente, não possuímos uma biografia melhor.

Damis, um discípulo de Apolonio, tomou notas num caderno que não chegou até nós. Talvez venham a ser encontrados um dia, como aconteceu com os manuscritos do Mar Morto.